

REVISTA DA  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

# SITIENTIBUS

## FILOLOGIA E ACERVOS

### ARTIGO

### EDIÇÃO SEMIDIPLOMÁTICA DE UMA CARTA DO ARCEBISPO: RECOLHIMENTO POR EDUCAÇÃO NA BAHIA DO SÉCULO XVIII

#### *SEMI-DIPLOMATIC EDITION OF A LETTER FROM THE ARCHBISHOP: EDUCATION-ORIENTED CONFINEMENT IN 18TH-CENTURY BAHIA*

ARINALVA MARIA DA SILVA

Graduada em Letras pela Universidade Federal da Bahia. Bolsista PIBIC-UFBA. E-mail: arinalva@gmail.com

NORMA SUELY DA SILVA PEREIRA

Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia. Professora da UFBA. E-mail: normasuelypereira@yahoo.com.br

### RESUMO

O artigo apresenta a edição semidiplomática de uma carta datada de 13 de outubro de 1712, escrita pelo arcebispo da Bahia, D. Sebastião Monteiro da Vide, e dirigida ao rei D. João V, de Portugal. O documento trata do pedido do tenente-general Domingos Antunes da Costa para recolher suas filhas no Convento de Santa Clara do Desterro, em Salvador, com a finalidade de educá-las. A pesquisa insere-se na perspectiva da Filologia em diálogo com a Paleografia, a Diplomática, a História e a Linguística, evidenciando a importância da crítica textual na preservação e análise de manuscritos coloniais. Além de discutir as normas e critérios adotados para a transcrição, o estudo analisa aspectos codicológicos, paleográficos e culturais da correspondência, destacando o papel da Igreja, das hierarquias sociais e das práticas de recolhimento feminino na Bahia colonial. A investigação contribui para a compreensão da educação das mulheres no século XVIII e para a valorização das fontes documentais como patrimônio histórico e cultural.

**Palavras-chave:** Filologia; edição semidiplomática; educação feminina; Bahia colonial; recolhimento.

## ABSTRACT

This article presents the semi-diplomatic edition of a letter dated October 13, 1712, written by the Archbishop of Bahia, D. Sebastião Monteiro da Vide, and addressed to King João V of Portugal. The document concerns the request made by Lieutenant General Domingos Antunes da Costa to place his daughters in the Convent of Santa Clara do Desterro, in Salvador, for educational purposes. The research adopts a philological perspective in dialogue with Paleography, Diplomatics, History, and Linguistics, highlighting the importance of textual criticism for the preservation and analysis of colonial

manuscripts. In addition to discussing the norms and criteria adopted for transcription, the study examines codicological, paleographic, and cultural aspects of the correspondence, emphasizing the role of the Church, social hierarchies, and female confinement practices in colonial Bahia. The investigation contributes to the understanding of women's education in the 18th century and to the appreciation of documentary sources as historical and cultural heritage.

**Keywords:** Philology; semi-diplomatic edition; women's education; colonial Bahia; confinement.



Open access journal: <http://periodicos.uefs.br/index.php/sitientibus>  
ISSN 0101-8841



## INTRODUÇÃO

A Filologia, como ciência do texto, dedica-se ao estudo minucioso dos documentos, buscando interpretar não apenas a língua, mas também os aspectos culturais neles presentes. Conforme assinala Cambraia (2005), para a leitura e interpretação da fonte selecionada, é essencial uma abordagem transdisciplinar, envolvendo outras áreas do conhecimento, em especial as que têm impacto sobre a atividade do filólogo ou crítico textual, como a Paleografia, a Codicologia, a Diplomática, a História e a Linguística. Nesse sentido, a análise de cada documento específico pode requerer a utilização de áreas de estudo diversas, conforme a natureza e contexto do *corpus* selecionado.

Dessa forma, ao editar-se filologicamente um determinado texto, busca-se reconstruir os traços culturais do passado, proporcionando aos leitores do tempo presente uma compreensão mais ampla não apenas da linguagem, mas também de suas características materiais, de seu processo de circulação e recepção e do seu contexto sócio-histórico. No âmbito desse labor, parte-se de um conjunto de normas previamente definidas, com base nos pressupostos apresentados por Cambraia (2005) e Toledo Neto (2020), de modo a produzir uma edição confiável, as quais são disponibilizadas ao leitor, visando ao seu maior esclarecimento e facilitação da leitura.

No presente estudo, desenvolveu-se uma edição semidiplomática de uma carta redigida na Bahia, no período colonial, datada de 13 de outubro de 1712, dirigida ao rei D. João V, de Portugal, relativa a um pedido feito pelo Tenente General Domingos Antunes da Costa, para que pudesse recolher suas filhas em um convento da cidade, com objetivo de educá-las. O documento selecionado trata, assim, das práticas culturais relativas às mulheres no contexto do recolhimento em conventos, nesse caso para fins de educação.

Observa-se que pouco ainda se conhece sobre as narrativas que revelam os silenciamentos e outras formas de violência sofridas pelas mulheres em sua inserção nos contextos educacionais no passado. Tais histórias foram quase sempre omitidas na historiografia oficial. Desse modo, considera-se importante investigar os vestígios dessas narrativas, promovendo a sua leitura e circulação. Ao analisar o documento por meio da crítica filológica, pretende-se, ampliar as reflexões sobre os desafios enfrentados por muitas mulheres na sociedade baiana colonial, contribuindo para uma visão mais abrangente do papel das mulheres nesse contexto histórico.

A carta manuscrita utilizada como *corpus* neste estudo foi localizada no Arquivo Histórico Ultramarino, o qual foi catalogado pelo Projeto Resgate Barão do Rio Branco. Esse acervo está disponível no sítio eletrônico da Biblioteca Nacional,

e os fac-símiles do documento selecionado foram acessados na coleção Bahia Avulsos (1604-1828) arquivado na caixa 08, doc. n. 691 (Carta, 1712). Ao explorar as decisões ligadas à educação feminina, essa correspondência possibilita ampliar nosso entendimento sobre esse aspecto específico da história e os contextos sociais que influenciavam as decisões das autoridades coloniais.

Com esse estudo, pretendemos dar mais uma contribuição para a construção da história das mulheres, evidenciando elementos relativos às intrincadas relações de poder, as hierarquias sociais, as relações de gênero e as influências políticas que moldaram as interações entre as personalidades envolvidas na Bahia colonial; forças que convergiam para criar um ambiente em que as mulheres tinham poucas oportunidades de autonomia e crescimento pessoal. Além disso, o estudo contribui para a preservação e difusão da fonte manuscrita selecionada, assim como oferece material para o estudo da língua portuguesa do período.

## A CARTA DO ARCEBISPO E O CONTEXTO DO RECOLHIMENTO FEMININO

No início do período colonial, observando a tradição medieval ainda cultivada e importada desde a Europa para a colônia, os pais de família com mais recursos enviavam suas filhas solteiras ao reino para reclusão em conventos e recolhimentos, devido à ausência de tais instituições por aqui. Nesses locais, as moças passavam a residir, recebendo instrução religiosa e alguns elementos básicos da educação formal, contribuindo para o fortalecimento nas práticas sociais da época. Com o avanço do processo de colonização, em resposta a pressões persistentes das famílias de colonos abastados, foram estabelecidas casas de recolhimento, e posteriormente, foi permitida a construção do primeiro convento para mulheres na América portuguesa, o Convento de Santa Clara do Desterro, na Bahia (Algranti, 1993; Azzi e Rezende, 1983; Nascimento, 1994).

De acordo com fontes manuscritas consultadas, a fundação do Convento de Santa Clara do Desterro se deu por despacho do rei em 6 de julho de 1665, corroborado pela Bula do padre Clemente 9º, emitida em 13 de maio de 1669. Esse documento revela que, desde a sua fundação, o Convento de Santa Clara do Desterro já possuía a determinação quanto ao número de religiosas que poderia receber, sendo 50 que receberiam o véu preto<sup>1</sup> e 25 o véu branco<sup>2</sup>. Entretanto, ao longo do tempo e devido a demandas adicionais, o convento se viu sujeito à imposição de ampliação do número de religiosas, abrindo as vagas chamadas supranumerárias (Carta, 1764).

O documento selecionado como *corpus* desse trabalho, uma carta datada de 1712, versa sobre um parecer relativo a uma petição apresentada pelo tenente-general Domingos

<sup>1</sup>As recolhidas de “véu preto” eram aquelas que posteriormente fariam os votos. Tendiam a ser provenientes da elite lusa (Souza e Pereira, 2018).

<sup>2</sup>As recolhidas de “véu branco” geralmente vinham de famílias de origens mais modestas e não chegariam a professor (Souza e Pereira, 2018).

Antunes da Costa, o qual havia solicitado ao rei a autorização para encaminhar suas duas filhas ao Convento de Santa Clara do Desterro, com o objetivo de proporcionar-lhes educação. Dessa forma, o remetente, Arcebispo da Bahia, D. Sebastião Monteiro da Vide, envia ao Rei D. João V, seu parecer sobre o pedido do tenente Costa.

Para ilustrar as concessões que permitiam a entrada de muitas jovens no Convento, destaca-se um outro requerimento, datado de 1696, em que um pai que já havia recolhido quatro filhas no Convento Santa Clara do Desterro, inicialmente como educandas, mas que à época já professavam, reivindicava então um lugar de professa para a quinta filha. O pedido foi, contudo, negado, embora o requerente alegasse já ter pagado pelo dote dessa quinta filha desde o ano de 1688. Além disso, foi-lhe solicitado um termo de renúncia do lugar de sua filha para dar entrada à filha de um outro tenente-general, que era mais nova e tinha menos tempo de religião. O desfecho deste requerimento evidencia que havia várias concessões e acordos para que essas jovens pudessem adentrar tais instituições, desde a oferta de dotes generosos até a influência de alta hierarquia, e a concorrência entre patentes (Requerimento, 1696).

Para entender o conteúdo da carta datada de 1712, é importante destacar as personalidades que a compõem. Nesse sentido, buscamos caracterizar a posição de três dos sujeitos envolvidos no documento, diante da relevância de seus cargos na colônia, visando evidenciar que se tratava da análise de um pedido feito por um alto funcionário comprometido com os interesses da Coroa Portuguesa, como se descreve a seguir.

Durante o período em foco, a seleção e nomeação para cargos públicos eram influenciadas por diversos fatores, destacando-se a lealdade e fidelidade ao Governo Colonial e à Coroa, como mencionado por Silva (2018). Nesse contexto, podemos inferir que o tenente-general Domingos Antunes da Costa não ocupava essa posição de maneira aleatória; ele estava nesse cargo devido ao seu alinhamento efetivo com os interesses da administração portuguesa, e devido a isso se justificava a possibilidade de seu pedido ser aceito.

O regente da Coroa portuguesa nesse período, Dom João V, governou entre 1707 a 1750 e seu reinado caracterizou-se por apresentar várias transformações tanto no cenário interno do Reino de Portugal como na configuração de seu vasto império colonial. Suas relações estreitas com a Igreja Católica se fizeram refletir de maneira notável em algumas das construções religiosas financiadas durante seu reinado. Esse período ficou conhecido como um delírio de luxo beato financiado pelas minas do Brasil. A ostentação e gastos extravagantes fizeram com que D. João V entrasse para a historiografia com a alcunha de Rei Sol Português (Abenassiff, 2017).

Dom Sebastião Monteiro da Vide, o autor da correspondência em análise, foi importante religioso que tomou posse do arcebispado da Bahia em 1707. Sua influência foi fundamental na consolidação das Leis que regiam a vida

religiosa naquela época. Uma de suas primeiras iniciativas foi realizar visitas pastorais com o intuito de estudar, avaliar e examinar a fé e o comportamento dos fiéis. Além de ocupar a posição de quinto Arcebispo do Arcebispado da Bahia, também serviu no Conselho da Coroa, a serviço de Sua Majestade (Feitler e Souza, 2010).

Ao analisarmos a posição dos atores nesse contexto de escrita, podemos entender a carta do Arcebispo e destacar a complexa interação entre a Igreja, a sociedade e a educação feminina. Neste sentido, a carta, ao abordar a petição de Domingos Antunes da Costa no contexto histórico da Bahia do século XVIII, oferece uma perspectiva que aponta para o papel ativo da Igreja na educação das mulheres, bem como a complexidade das solicitações individuais em um contexto colonial.

Para uma melhor compreensão acerca da análise das características da língua e das práticas de escrita do período, apresentam-se a seguir a descrição do documento, com ênfase nos aspectos codicológicos; os critérios utilizados na transcrição e a edição semidiplomática, acompanhada dos fac-símiles; as características da espécie documental; os aspectos paleográficos; e a relação e classificação das abreviaturas.

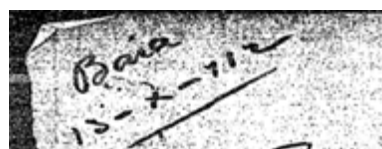
## ASPECTOS CODICOLÓGICOS DO DOCUMENTO

A carta manuscrita selecionada para a edição pertence ao Arquivo Histórico Ultramarino, catalogado pelo Projeto Resgate Barão do Rio Branco. Compõe-se de um fólio, escrito no recto e verso, totalizando 28 linhas de texto. A disposição da mancha escrita segue uma única coluna, alinhada e margeada nas duas faces do fólio.

De acordo com o fac-símile da carta selecionada, que se presume ter sido redigida em suporte de papel, o documento encontra-se em estado de conservação razoável. Nota-se uma marcante dispersão de pontos escuros em ambas as faces do fólio. Há uma mancha redonda escura bastante visível na parte esquerda da margem superior do recto, sugerindo respingo de tinta, além dessa, há manchas escuras nas extremidades do documento, que parecem ser consequência do processo de digitalização. É possível perceber sombras de grafemas, provenientes das faces contrárias da mancha escrita em cada lado do suporte, presumivelmente devido à textura do papel ou à qualidade da tinta. No entanto, é relevante destacar que tais imperfeições não impedem a leitura do documento.

No canto superior esquerdo do recto, é possível identificar uma inscrição, provavelmente de inserção posterior, contendo o resumo da datação tópica e cronológica do documento: Baía 13-X-712 (figura 1).

**Figura 1** - Anotação no canto superior esquerdo do recto do fólio



Fonte: Carta, Bahia, 1712.

Observa-se também a presença de três carimbos no documento, indicando intervenção posterior à escrita original. Em dois deles é possível ler a inscrição do local em que o documento esteve custodiado, Biblioteca Nacional de Lisboa (figura 2).

A tinta de um dos carimbos atinge a mancha da escrita do verso do fôlio (figura 3), o que acabou impactando a leitura de parte das palavras, fazendo-se necessário realizar conjecturas no processo de edição.

**Figura 2** - Carimbos distintos no recto e no verso do fôlio



Fonte: Carta, Bahia, 1712.

**Figura 3** - Presença de tinta de carimbo sobre a mancha escrita no verso do fôlio



Fonte: Carta, Bahia, 1712.

Transcrição:

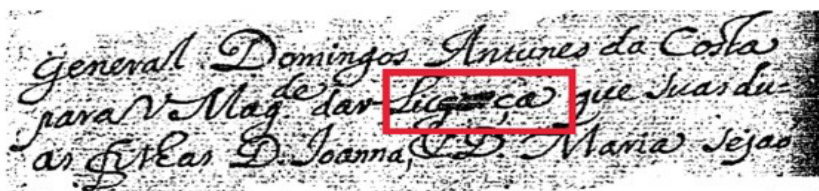
Além desses aspectos, é possível notar um borrão

25 [...] deste anno. [Vossa Ma]gestade mandará oquefor  
servido. [Deos guarde] a RealPessoa de  
Vossa Magestade [como] seos vassalos havemos  
mister. Bahya 13 de Outubro de 1712.

em uma palavra no recto do fôlio, como destacado na  
figura 4. Este borrão sugere possível equívoco por parte do  
escrevente ao registrar a palavra, que reescreveu algumas  
letras, produzindo, em decorrência, uma dificuldade à leitura.

Fonte: Elaboração das autoras.

**Figura 4** - Presença de borrão no f°1r, L.6



Fonte: Carta, Bahia, 1712.

Transcrição:

05 [...] General Domingos Antunes da Costa

paraVossaMagestade dar li[cen]ça que suas du=  
as filhas Dona Joanna, & Dona Maria sejaõ [...]

A grande variedade de traçados caligráficos, as abreviaturas  
e os danos sofridos pelos suportes de escrita ao longo do  
tempo são alguns dos problemas frequentemente encontrados

durante o processo de transcrição.

Desse modo, para equacionar esses problemas e pre-  
servar as características do documento selecionado, foram  
definidos critérios conservadores sob a perspectiva da edição  
semidiplomática. Esses critérios visam manter as caracte-  
rísticas originais da escrita que compõe o documento, garan-  
tindo sua autenticidade. Desse modo, foram respeitados  
o uso de maiúsculas e minúsculas, bem como o sinal de  
nasalidade sobre a última letra do ditongo nasal, preser-  
vando-se ainda, a presença ou ausência de fronteiras entre  
palavras e a ocorrência de ligaduras.

Fonte: Elaboração das autoras.

## CRITÉRIOS UTILIZADOS NA TRANSCRIÇÃO E EDIÇÃO DO DOCUMENTO

Conforme assinala Toledo Neto (2020), a leitura e  
transcrição de manuscritos antigos representam um desafio,  
mesmo para aqueles que possuem experiência na área.

As linhas do texto foram numeradas, iniciando-se a contagem a partir da primeira linha e indicando-se os números em intervalos de cinco em cinco à margem esquerda. A pontuação, a acentuação e demais aspectos da grafia da época, como consoantes dobradas, foram preservados conforme ocorrem no documento original.

Além disso, as abreviaturas foram desdobradas, com a parte acrescentada marcada em *itálico*. As divisões silábicas

no final de linhas foram mantidas, sinalizadas pelo símbolo gráfico (=), conforme observado nos fac-símiles.

Vale salientar que, devido a dificuldades de leitura em certos trechos do documento, foi necessário estabelecer conjecturas. Essas intervenções visaram esclarecer pontos específicos e amenizar dificuldades de leitura. Todas as modificações foram devidamente marcadas utilizando-se de colchetes para indicar as letras ou palavras adicionadas.

**Figura 5 - Fac-simile do f1. r.**



## EDIÇÃO SEMIDIPLOMÁTICA

[f. 1r.]

Senhor

Em cartade 10 de Março de 1711

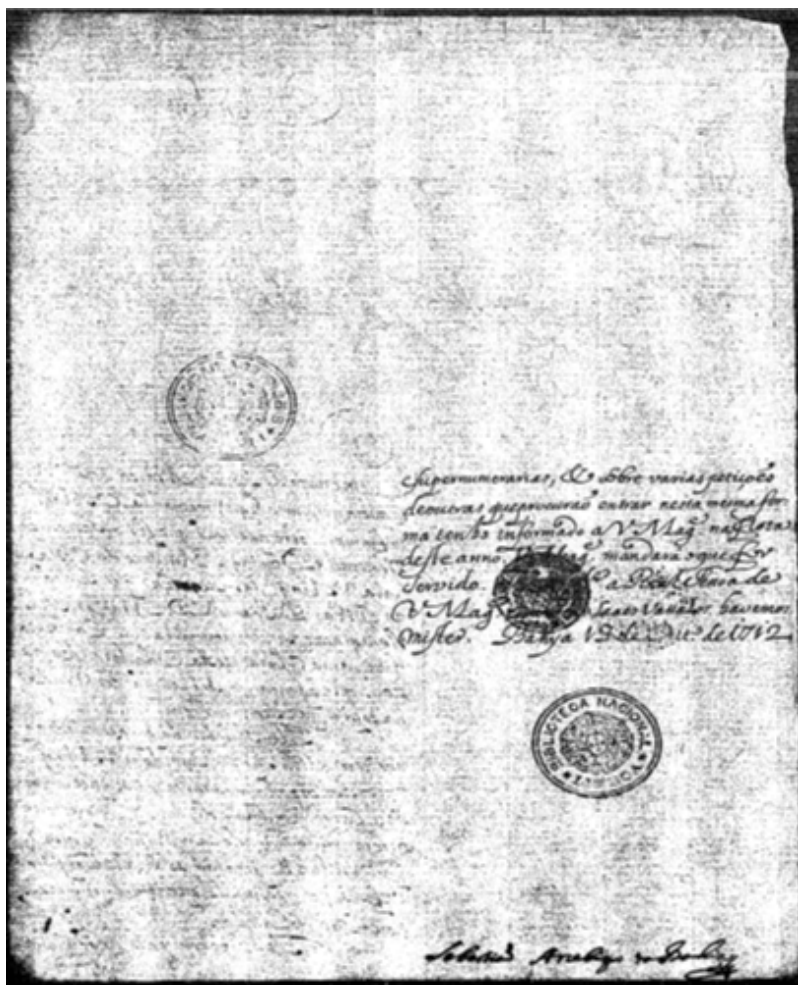
(que agora mechege) memandaVossa Magestade  
informar sobreapetiçaõ quefes o Thenente

05 General Domingos Antunes da Costa  
paraVossaMagestade dar li[cen]ça que suas du=  
as filhas *Dona Joanna, & Dona Maria* sejaõ  
Religiozas Supernumerarias no Convento  
deSanta Clara desta Cidade pellas ra=  
10 zoës que aponta nasuapetiçaõ contheuda  
na copia que se meremeteo.

He sem duvida quepormuitos an=  
nos tem o dito *supplicante* servido aVossa Magestade  
em todos os postos de guerra, esempre com boa  
15 satisfaçaõ, conformedizem. Deprezente  
o vejo muito entrando navelhice, eque  
faltando ele ficaraõ as ditas duas filhas  
orfans, porque ainda quetem dous irmaos,  
estes saõ soldados.

20 No dito Convento estaõ quatro

Figura 6 - Fac-simile do f1. v.



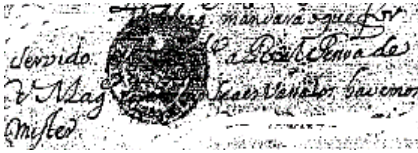
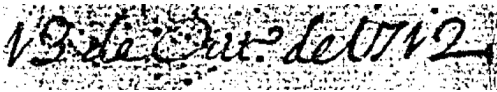
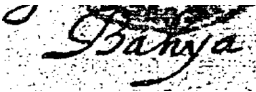
EDIÇÃO SEMIDIPLOMÁTICA  
[f. 1v.]

CARACTERÍSTICAS DA ESPÉCIE DOCUMENTAL

25 Supernumerarias, & sobre varias petiçoẽs  
deoutras queprocuraraõ entrar nesta mesma for-  
ma tenho informado aVossa Magestade na frota  
deste anno. [Vossa Ma]gestade mandará oquefor  
servido. [Deos guarde] a RealPessoa de  
Vossa Magestade [como] seoes vassalos havemos  
mister. Bahya 13 de Outubro de 1712.  
Sebastiaõ Arcebispo daBahya

De acordo com Bellotto (2002), a carta, embora seja um documento não-diplomático, segue certos padrões de formatação. Nesse período, a carta é expedida, por autoridade subalterna/delegada ou súdito ao rei, destinada a tratar de assuntos de caráter oficial ou particular, contanto que não fossem de natureza suplicante. Geralmente é composta por um protocolo inicial, o corpo do texto e um protocolo final.

Quadro 1 - Partes do documento

| IMAGEM                                                                              | TRANSCRIÇÃO                                                                                                                                  | LOCALIZAÇÃO                 |
|-------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------|
|    | Destinatário:<br>Senhor                                                                                                                      | fº 1r, L. 1                 |
|    | Introdução:<br>“Em cartade 10 de Março de 1711<br>(que agora mechega) memandaVossa Magestade<br>informar sobreapetiçaõ quefes o Thenente...” | fº 2r, L. 1 - fº 2r, L. 11  |
|   | Fechamento:<br>servido. [Deos guarde] a RealPessoa de Vossa<br>Magestade [como] seoes vassalos havemos<br>mister.                            | fº 1v, L. 25 - fº 1v, L. 27 |
|  | Datação cronológica:<br>3 de Outubro de 1712                                                                                                 | fº 1v, L. 27                |
|  | Datação tópica: Bahya                                                                                                                        | fº 1v, L. 27                |
|  | Assinatura do remetente:<br>Sebastião Arcebispo daBahya                                                                                      | fº 1v, L. 28                |

Fonte: Elaboração das autoras.

No protocolo inicial inclui elementos como datas (tópica e cronológica) e o endereçamento, enquanto o texto propriamente dito é estruturado em parágrafos, apresentando a mensagem e o propósito da carta. No protocolo final, encontramos a despedida cortês, a assinatura, o nome e cargo do remetente.

O conteúdo das seções do documento evidencia suas características formais, próprias da carta, conforme assinalado por Bellotto (2002). No início, é utilizado o vocativo “Senhor” para referenciar o destinatário. A saudação indica um tom de formalidade e respeito. Neste caso, a carta foi dirigida ao rei D. João V.

As fórmulas protocolares com o uso de expressões como “Vossa Magestade” e “Real Pessoa de Vossa Magestade” revelam um protocolo formal, evidenciando o respeito e

reverência à autoridade real. A linguagem meticulosa do texto ao narrar a história de serviço do Tenente General e sua inquietação sobre o destino das filhas demonstra uma abordagem respeitosa e formal. No protocolo final ou escatocolo, nota-se o fecho de cortesia, juntamente com a datação cronológica e datação tópica. Além disso, temos a assinatura do remetente “Sebastião Arcebispo da Bahia”, que confere peso e credibilidade à mensagem, ao confirmar sua autenticidade e origem eclesiástica.

No documento, é possível observar a presença de rubricas posicionadas na parte superior do suporte do recto do fólio, entre a primeira e segunda linhas do documento, as quais se referem a um despacho. Vale destacar que as rubricas indicam que o documento foi recebido, revisado e despachado por pessoa(s) autorizada(s), conferindo-lhe validade e legitimidade.

Figura 7 - Rubricas presentes no despacho



Fonte: Carta, Bahia, 1712.

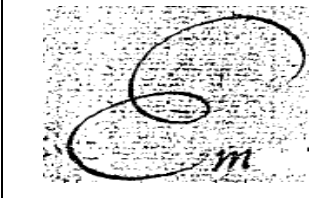
## ASPECTOS PALEOGRÁFICOS

O manuscrito exibe uma escrita de fácil leitura, com letras claramente definidas e um traçado uniforme, especialmente nas maiúsculas, com exceção das palavras “Senhor” no *fº 1r. L. 1* e o “Em” no *fº 1r L. 2* (v. quadro 2) que possuem um módulo bem maior, quando comparadas às demais maiúsculas do texto. Quanto ao estilo da escrita, o manuscrito emprega a escrita cursiva derivada da humanística ou italiana, conforme denomina Spina (1977). Este estilo é caracterizado pelo uso de letras cursivas, notavelmente ágeis e corridas. Adicionalmente, destaca-se a presença de letras maiúsculas

no início das frases, em determinadas palavras para fins de destaque, bem como em nomes próprios. Além disso, são empregadas algumas abreviaturas ao longo do texto. Vale ressaltar também que a assinatura do remetente parece ter sido feita por outro punho, pois apresenta traços mais grossos e marcantes, além de letras com um estilo distinto do observado no restante do documento.

Quanto à pauta, as linhas imaginárias são regulares e a inclinação da escrita é predominantemente à direita. O documento é margeado, acentuado, pontuado, e há separações silábicas ao final das linhas, refletindo uma atenção meticulosa aos detalhes.

Quadro 2 - Letras maiúsculas com módulo de maior dimensão

| IMAGEM                                                                              | TRANSCRIÇÃO | LOCALIZAÇÃO        |
|-------------------------------------------------------------------------------------|-------------|--------------------|
|  | Senhor      | <i>fº 1r, L. 1</i> |
|  | Em          | <i>fº 1r, L. 2</i> |

Fonte: Elaboração das autoras.

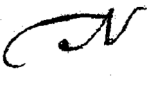
Na escrita do documento, observaram-se as peculiaridades no traçado das letras, adotando-se como critério de análise a catalogação das letras maiúsculas e minúsculas presentes no manuscrito. É importante ressaltar que as letras maiúsculas se mantiveram uniformes em seu traçado, não causando dificuldades durante a leitura, como exemplificado no quadro 3. Além disso, todos os parágrafos são iniciados com recuo, apresentando letras maiúsculas de forma razoavelmente elegantes. Vale lembrar que essa característica nas letras é típica da época, o que demonstra uma competência por parte do escrevente.

Além disso, o documento traz 03 tipos de consoantes dobradas, como exemplificado por <ll>, <nn> e <ss>. Essa

característica é típica da escrita pseudoetimológica dessa época, como ilustrado no quadro 4.

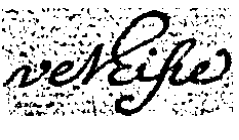
No que diz respeito às letras minúsculas, observou-se a utilização de diferentes traçados para uma mesma letra, o que pode causar confusão durante o processo de transcrição do manuscrito. Conforme apontado por Toledo Neto (2020), a ausência de padronização nos traçados das letras, aliados à sua semelhança com outros símbolos, representa um desafio considerável. Por esse motivo, é importante a constituição de um quadro com o alfabeto no texto examinando. Nesta pesquisa, optamos por compilar diferentes palavras que demonstraram variações gráficas para um mesmo fonema, como ilustrado no quadro 5.

Quadro 3 - Letras maiúsculas

| LETRA | IMAGEM                                                                              | LINHA        | LETRA | IMAGEM                                                                                | LOCALIZAÇÃO  |
|-------|-------------------------------------------------------------------------------------|--------------|-------|---------------------------------------------------------------------------------------|--------------|
| A     |    | fº 1r, L. 5  | M     |     | fº 1r, L. 7  |
| B     |    | fº 1r, L. 27 | N     |     | fº 1v, L. 20 |
| C     |    | fº 1r, L. 9  | P     |    | fº 1r, L. 25 |
| D     |    | fº 1r, L. 15 | R     |    | fº 1r, L. 8  |
| G     |    | fº 1r, L. 5  | S     |     | fº 1r, L. 1  |
| H     |   | fº 1r, L. 12 | T     |    | fº 1r, L. 4  |
| J     |  | fº 1r, L. 7  | V     |  | fº 1r, L. 26 |

Fonte: Elaboração das autoras.

Quadro 4 - Consoantes dobradas

| IMAGEM                                                                              | TRANSCRIÇÃO      | LOCALIZAÇÃO  |
|-------------------------------------------------------------------------------------|------------------|--------------|
|  | <u>elle</u>      | fº 1r, L. 7  |
|  | Jo <u>anna</u>   | fº 1r, L. 7  |
|  | velh <u>isse</u> | fº 1r, L. 16 |

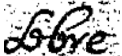
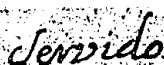
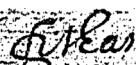
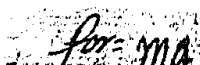
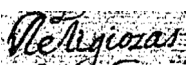
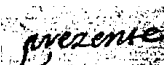
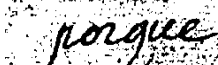
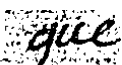
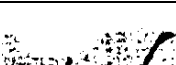
Fonte: Elaboração das autoras.

RELAÇÃO E CLASSIFICAÇÃO DAS ABREVIATURAS

Nesse contexto, é fundamental que o filólogo, ao adotar uma abordagem editorial conservadora, mantenha o máximo possível as características da escrita. No entanto, é necessário desenvolver as abreviaturas como um meio de facilitar a compreensão do texto.

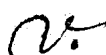
Ao longo do documento, identificou-se a presença de 5 abreviaturas diferentes, conforme apresentadas nos quadros 6 e 7. O número total de ocorrências de abreviaturas por suspensão e letra sobreposta foi de 16, dividido a quantidade igualmente entre ambas as formas. Conforme explicado por Berwanger e Leal (2008), as abreviaturas por letras sobrepostas ou sobrescritas são formadas quando uma pequena letra é inscrita por cima da abreviatura em expoente. Por outro lado, Spina (1977) menciona que o sistema de abreviatura por suspensão ou apócope ocorre pela supressão final do vocábulo e originou-se desde tempos remotos, a partir da difusão da escritura carolíngia na Europa.

Quadro 5 - Ocorrência de variação no traçado das minúsculas

|     |                                                                                     |                                                                                     |                                                                                      |                                                                                       |                                                                                       |
|-----|-------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------|
| <b> |    |    |                                                                                      |                                                                                       |                                                                                       |
|     | sob <u>re</u>                                                                       | ob <u>re</u>                                                                        |                                                                                      |                                                                                       |                                                                                       |
| <d> |    |    |                                                                                      |                                                                                       |                                                                                       |
|     | Serv <u>ido</u>                                                                     | mand <u>ará</u>                                                                     |                                                                                      |                                                                                       |                                                                                       |
| <f> |    |    |    |    |                                                                                       |
|     | f <u>ic</u> araõ                                                                    | f <u>il</u> has                                                                     | f <u>or</u> =ma                                                                      | informa <u>ço</u>                                                                     |                                                                                       |
| <h> |    |    |    |    |                                                                                       |
|     | ch <u>ega</u>                                                                       | Th <u>en</u> ente                                                                   | h <u>av</u> emos                                                                     | ten <u>ho</u>                                                                         |                                                                                       |
| <l> |    |    |                                                                                      |                                                                                       |                                                                                       |
|     | Relig <u>io</u> sas                                                                 | sold <u>ad</u> os                                                                   |                                                                                      |                                                                                       |                                                                                       |
| <p> |   |   |                                                                                      |                                                                                       |                                                                                       |
|     | pr <u>es</u> ente                                                                   | por <u>que</u>                                                                      |                                                                                      |                                                                                       |                                                                                       |
| <q> |  |  |                                                                                      |                                                                                       |                                                                                       |
|     | q <u>ue</u>                                                                         | q <u>ue</u>                                                                         |                                                                                      |                                                                                       |                                                                                       |
| <s> |  |  |  |  |  |
|     | de <u>sta</u>                                                                       | do <u>us</u>                                                                        | du <u>as</u>                                                                         | so <u>ld</u> ados                                                                     | velh <u>isse</u>                                                                      |
| <t> |  |  |  |                                                                                       |                                                                                       |
|     | di <u>to</u>                                                                        | Co <u>st</u> a                                                                      | en <u>tr</u> ado                                                                     |                                                                                       |                                                                                       |

Fonte: Elaboração das autoras.

Quadro 6 - Abreviaturas por suspensão

| IMAGEM                                                                              | ABREVIATURA | DESENVOLVIMENTO | Nº DE OCORRÊNCIAS |
|-------------------------------------------------------------------------------------|-------------|-----------------|-------------------|
|  | D.          | Dona            | 02                |
|  | V.          | Vossa           | 06                |

Fonte: Elaboração das autoras.

Quadro 7 - Abreviaturas por letra sobreposta

| IMAGEM                                                                            | ABREVIATURA        | DESENVOLVIMENTO | Nº DE OCORRÊNCIAS |
|-----------------------------------------------------------------------------------|--------------------|-----------------|-------------------|
|  | Mag. <sup>de</sup> | Magestade       | 06                |
|  | Out. <sup>o</sup>  | Outubro         | 01                |
|  | Supp. <sup>e</sup> | supplicante     | 01                |

Fonte: Elaboração das autoras.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O documento editado revela que o apadrinhamento era uma prática frequentemente utilizada na administração pública colonial como recurso para obter alguma mercê. Através desta carta, somos transportados para a dinâmica do recolhimento de mulheres naquele período histórico. No entanto, é importante ressaltar que essa correspondência trata do pedido de um funcionário de alta patente, evidenciando sua estreita ligação com a Coroa portuguesa.

Ao relacionar-se as ações e decisões retratadas no documento com as políticas e práticas vigentes, buscou-se oferecer uma análise contextualizada, de modo a evidenciar, além do conteúdo explícito da correspondência, os mecanismos que regiam o atendimento desses pedidos e as implicações dessas interações para a sociedade colonial, destacando as relações de poder, as hierarquias sociais e as influências políticas que moldaram as interações entre as personalidades envolvidas.

A correspondência evidencia as limitações impostas à educação das mulheres, ressaltando a responsabilidade da Igreja e a necessidade de autorização real para o encaminhamento de tais pedidos. Desse modo, o estudo demonstrou a importância da edição semidiplomática como forma de preservar as fontes primárias, dando-lhes ao mesmo tempo a necessária divulgação, explicitando suas características e tornando os documentos manuscritos do passado acessíveis a outros estudiosos, possibilitando a ampliação da pesquisa em outras diversas áreas do conhecimento.

Nesse sentido, o estudo filológico desempenha um papel fundamental para a compreensão de diversos aspectos do passado, como sejam as práticas relacionadas ao recolhimento de mulheres nos conventos da sociedade colonial e seu contexto sócio-histórico, as práticas de escrita, o tráfico de influências e os jogos de poder, dentre outras dinâmicas sociais e políticas da época.

## REFERÊNCIAS

ABENASSIFF, Ana Lucia de S. D. Maria: A formação da princesa do Brasil. In: CONGRESSO INTERNACIONAL UFES/ Paris-Est, 6, 2017, Vitória. **Anais [...]** Vitória, UFES, 2017. p. 64-80. Disponível em: file:///C:/Users/arina/Downloads/a campos,+Microsoft+Word+--+Ana+Lucia+Abenassif.pdf. Acesso em: 13 abril 2024

ALGRANTI, L. M. **Honradas e devotas**: condição feminina nos conventos e recolhimentos do sudeste do Brasil, 1750-1822. Brasília: EDUNB; Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1993.

AZZI, Riolando; REZENDE, Maria Valéria V. A vida religiosa feminina no Brasil colonial. In: AZZI, Riolando (org.). **A vida religiosa no Brasil**: enfoques históricos. São Paulo. Ed. Paulinas, 1983. p. 24-60.

BELLOTO, Heloísa Liberalli. **Como fazer uma análise diplomática e análise tipológica de documento de arquivo**. São Paulo: Arquivo do Estado. Imprensa Oficial, 2002.

BERWANGER, Ana Regina; LEAL, João Eurípedes. **Noções de Paleografia e Diplomática**. 3 ed. rev. e ampl. Santa Maria: Ed. da UFSN, 2008.

CARTA do Arcebispo D. Fr. Manuel de Santa Ignez. Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa. Conselho Ultramarino – Brasil, 1764, junho, 30. Cx. 35. Doc. 6654. Fundação da Biblioteca Nacional. Projeto Resgate Barão do Rio Branco. AHU\_ACL\_CU\_005, Cx. 35\Doc. 6554 (1), 1764. Disponível em: [https://resgate.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=005\\_BA\\_CA&pesq=desterro&hf=resgate.bn.br&pagfis=17310](https://resgate.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=005_BA_CA&pesq=desterro&hf=resgate.bn.br&pagfis=17310). Acesso em: 13 abril 2024

CARTA do Arcebispo da Bahia D. Sebastião Monteiro da Vide ao rei [D. João V] sobre: o requerimento do tenente-general

Domingos Antunes da Costa solicitando recolher duas filhas por educandas no Convento de Santa Clara da Bahia. AHU\_ACL\_CU\_005, Cx. 8\Doc. 691, 1712. Disponível em: [https://resgate.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=005\\_BA\\_AV&hf=resgate.bn.br&pagfis=5320](https://resgate.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=005_BA_AV&hf=resgate.bn.br&pagfis=5320). Acesso em: 13 abril 2024

CAMBRAIA, C. N. **Introdução à crítica textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FEITLER, Bruno; SOUZA, Evergton Sales de. Estudo introdutório e edição às Constituições primeiras do arcebispado da Bahia, de Sebastião Monteiro da Vide. *In*: VIDE, Sebastião Monteiro da. **Constituições primeiras do arcebispado da Bahia**. São Paulo: EDUSP, [1853] 2010. p. 7-75. Disponível em: [https://www.academia.edu/400326/Constitui%C3%A7%C3%B5es\\_primeiras\\_do\\_arcebispado\\_da\\_Bahia\\_ed\\_e\\_estudo\\_introdut%C3%B3rio\\_S%C3%A3o\\_Paulo\\_EdUSP\\_2010\\_Documenta\\_Uspiana](https://www.academia.edu/400326/Constitui%C3%A7%C3%B5es_primeiras_do_arcebispado_da_Bahia_ed_e_estudo_introdut%C3%B3rio_S%C3%A3o_Paulo_EdUSP_2010_Documenta_Uspiana). Acesso em: 13 abril 2024

NASCIMENTO, Anna Amélia Vieira. **Patriarcado e Religião**: as enclausuradas clarissas do Convento do Desterro na Bahia (1677-1890). Salvador: Conselho Estadual de Cultura da Bahia, 1994.

REQUERIMENTO de Manuel de Oliveira Porto, morador na Bahia, que tem cinco filhas, que contratou com a abadessa e mais religiosas do Convento de Santa Clara de Desterro da

Bahia, recolher com dote, queixando-se da falta de cumprimento daquele contrato. AHU\_ACL\_CU\_005, Cx. 31\Doc. 3979 (1), 1696. Disponível em: [https://resgate.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=005\\_BA\\_LF&Pesq=desterro&pagfis=17911](https://resgate.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=005_BA_LF&Pesq=desterro&pagfis=17911). Acesso em: 13 abril 2024

SILVA, Camila Borges da. **Títulos e mercês na corte joanina**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2018. Disponível em: [https://historialuso.an.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=5209&Itemid=348](https://historialuso.an.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5209&Itemid=348). Acesso em: 13 abril 2024.

SOUZA, Rose Mary Souza de; PEREIRA, Norma Suely da Silva. Recolhimento de mulheres do véu preto: estudo do léxico e das práticas culturais na Bahia colonial. *In*: SEMINÁRIO DE ESTUDOS FILOLÓGICOS, 9. **Anais [...]** Salvador: Memória & Arte, 2020. p. 620-636.

SPINA, Segismundo. **Introdução à edótica**: crítica textual. São Paulo: Cultrix; EDUSP, 1977.

TOLEDO NETO, Sílvio de Almeida. Um caminho de retorno como base: proposta de normas de transcrição para os textos manuscritos do passado. **Travessias Interativas**. São Cristóvão (SE), n. 20, v. 10, 2020. p. 192-208. <https://periodicos.ufs.br/Travessias/article/view/13959/10679>. Acesso em: 30 maio 2024.